

Como olhamos para as nossas crianças?

written by Rosa Fonseca | 27 de Maio, 2026

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

CRÓNICA
Rosa Fonseca



O modo como olhamos para as crianças revela muito sobre a sociedade que somos e, sobretudo, sobre o futuro que estamos a construir. Uma comunidade que protege, escuta e valoriza as suas crianças está a lançar sementes de humanidade, equilíbrio e esperança. Pelo contrário, quando a infância é ignorada, apressada ou negligenciada, algo profundamente essencial começa a perder-se.

Vivemos num tempo de avanços extraordinários, mas também de grandes contradições. Falamos constantemente de futuro, inovação e progresso, enquanto muitas crianças crescem sem tempo de qualidade, sem segurança emocional e, em demasiados casos, sem condições básicas de dignidade. Há crianças rodeadas de tecnologia, mas carentes de presença. Crianças com agendas cheias, mas com falta de escuta. Crianças que aprendem

cedo a competir, mas nem sempre a sentir, a respeitar ou a compreender o outro.

O ser humano constrói-se muito antes da idade adulta. Constrói-se na forma como uma criança é tratada dentro de casa, na escola, na rua e na sociedade. Constrói-se quando ensinamos respeito em vez de violência, empatia em vez de indiferença, diálogo em vez de medo.

Também não podemos esquecer as crianças do mundo que continuam privadas do direito mais básico: o direito a uma infância segura. Em muitos lugares, crescem entre guerras, pobreza, fome, exploração ou abandono. Enquanto isso acontecer, nenhuma sociedade poderá considerar-se verdadeiramente evoluída.

Talvez o maior desafio do nosso tempo seja este: perceber que educar crianças não é apenas prepará-las para o mercado de trabalho ou para o sucesso individual. É prepará-las para serem seres conscientes, livres, solidários e emocionalmente saudáveis.

Porque, no fundo, o futuro faz-se com o presente que lhes proporcionamos. O futuro senta-se hoje nas salas de aula – ombro a ombro, brinca nos parques, faz perguntas difíceis e procura adultos capazes de o orientar. E aquilo que dermos às crianças em atenção, valores, cuidado e exemplo, será exatamente aquilo que o mundo nos devolverá amanhã.

No Dia Mundial da Criança há festas e celebrações, mas este dia deve ser muito mais do que oferecer balões, pintar rostos ou distribuir sorrisos ocasionais. Deve ser, acima de tudo, um momento de reflexão sobre a forma como estamos a cuidar das crianças e do mundo que lhes estamos a deixar.

Os dias simbólicos têm importância: chamam a atenção, criam reflexão, lembram-nos causas que não devem cair no esquecimento. Mas a infância não se protege num único dia do calendário.

De pouco servem festas, discursos ou fotografias felizes se, no resto do ano, continuarmos demasiado ausentes, demasiado apressados ou incapazes de escutar as crianças. O verdadeiro compromisso mede-se nos gestos diários: no tempo dado sem distrações, na paciência para ouvir, na proteção de quem é vulnerável, na educação feita de respeito e exemplo.

Há algo contraditório numa sociedade que celebra as crianças enquanto lhes rouba, tantas vezes, aquilo que deveriam ter de mais precioso: tempo para brincar, tranquilidade para crescer, relações seguras e atenção verdadeira. Entre horários excessivos, dependência tecnológica, pressão escolar e vidas familiares aceleradas, muitas crianças vivem hoje uma infância encurtada.

Precisemos de menos cerimónias e mais de consciência. Menos frases bonitas e mais responsabilidade coletiva. Porque cuidar das crianças não é apenas organizar atividades num dia especial; é perguntar, todos os dias, que adultos estamos a ser diante delas.